

**CIÊNCIA, TECNOLOGIA E GÊNERO:
RESISTÊNCIAS, AFETOS E COSTURAS**

Thabata Caroline Alves¹

INTRODUÇÃO

Este trabalho se inscreve nas discussões acadêmicas feministas, com ênfase nas questões do fazer e do saber da costura e nas dimensões coletivas desta prática. Traz consigo um conjunto de tensões que interseccionam sociabilidades, tecnologias e afetos. Justifica-se pelo pressuposto de que ato de costurar e o de fazer uma etnografia 'afetada' conservam em si características análogas que merecem ser analisadas. Buscou-se identificar a construção de um ambiente de trocas, sociabilidades e afetos entre mulheres, interpelada pela lida com as linhas, agulhas e tecidos e a relação da mesma com o conceito de *etnografia de los contatos* de Tania Pérez-Bustos e Alexandra Piraquive (2018), entendido como um fazer compartilhado dado e configurado nas relações humanas e não-humanas.

A contribuição deste artigo está contida na particularidade dos dados obtidos através da análise do curta-metragem documental "Riscado da Aurora: Costurando Histórias" (2018), a respeito dos saberes e fazeres da costura na

¹ Mestranda em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (Universidade Federal de Itajubá). <http://lattes.cnpq.br/3564219286745596>. Orcid não informado. thabataferraz@hotmail.com. Endereço para correspondência: Rua Dr. Ivo Martins Menezes, 26, ap. 303A, Varginha, Itajubá, MG, Brasil. CEP: 37501-173. Telefone: Não informado.



vida de mulheres em contextos no Sul de Minas Gerais. O documentário foi escrito e dirigido pela autora do presente artigo com o intuito de registrar os processos de aprendizagem da costura a partir de conversas dialogais estabelecidas com quatro (4) mulheres costureiras. Os questionamentos giraram em torno de como o ensino da costura havia sido transmitido e aprendido pelas mesmas, considerando o caráter geracional e feminizado deste saber-fazer. Também buscou-se compreender o valor simbólico e material da costura, particularmente no que tange às sociabilidades e afetos que geram entre mulheres, sejam elas familiares, colegas, alunas ou vizinhas.

O documentário, apesar de produzido pela autora, não foi produzido com o objetivo prévio de servir de material para a presente análise e nem passou por um processo de sistematização que seja interessante para a presente análise. Do material obtido no dia de sua gravação utilizaremos apenas fotografias, de autoria da autora e de uma colega presente no dia das filmagens. Por este motivo, as etapas de sua produção, como o registro das filmagens, das falas e o roteiro elaborado não serão considerados. Utilizaremos o documentário em seu formato de divulgação ao público como fonte de dados, buscando atingir o objetivo proposto: revelar a relação existente entre a costura e a etnografia afetada, na criação de sociabilidades, recursos materiais e simbólicos que em alguma medida ajudam a superar desigualdades de gênero, seja na reconfiguração da visão androcêntrica de se fazer ciência, na medida em que se faz através das relações imbricadas no processo etnográfico, ou na criação de uma rede de relações e afetos que circulam entre mulheres através da costura.

Para tal analisamos as falas das costureiras contidas no documentário buscando identificar o que elas revelavam sobre: 1) as sociabilidades proporcionadas pela costura; 2) os modos de apropriação e significação dos materiais, revelando a importância dos mesmos na criação de uma atmosfera de trocas e fortalecimento de redes de colaboração femininas. Após identificar estes pontos nas falas das costureiras, selecionamos algumas delas para explicitar o objetivo proposto e

inserir-lo no contexto das discussões teórico-conceituais da CTS. A conversa entre teoria e prática resultou na contribuição do presente trabalho em reafirmar a importância dessas duas frentes caminharem juntas e criarem pontos de ruptura e resignificação de uma realidade social e acadêmica marcadamente androcêntrica e patriarcal.

O documentário foi produzido em maio de 2018, e neste ano Dona Silvia, tinha 85 anos, Dona Eleonora 73, Rosa 51, e Catarina, 28. O recorte geográfico para a realização do mesmo se deu em duas cidades sul-mineiras, Pouso Alegre e Cachoeira de Minas e em uma cidade na Serra da Mantiqueira paulista que faz divisa com o sul de Minas Gerais, São Bento do Sapucaí - SP. As configurações de tais localidades reforçam e reconhecem as particularidades de um contexto fortemente marcado pela cultura rural, tradicional e interiorana e como essas incidem diretamente nas vidas de mulheres costureiras.

Para tratar disso tudo, optamos por dividir o artigo em seis partes. Na primeira, que chamamos de “Traçando moldes”, trazemos um breve panorama da história da costura e como esta se articula à história da mulher, a papéis de gênero e a manutenção de desigualdades. A segunda, “Ciência e Tecnologia às avessas” é dedicada ao que tem sido produzido no campo da CTS, no intuito de pontuar as discussões epistemológicas de que partimos: da tecnologia enquanto construção humana cerceada por valores e visões de mundo que reproduzem desigualdades sociais privilegiando uns em detrimento de outros. Na terceira parte, que chamamos de “Aprendizagem Corporificada” tratamos do conhecimento como algo que se dá no e pelo corpo e da relação deste com os objetos materiais, já que a costura e a etnografia são conhecimentos, entre outras coisas, corporificados e dados na relação humano e não-humano. No quarto tópico “Retalhos compartilhados de si” trazemos os dados contidos nas falas das costureiras presentes no documentário que nos permitem pensar o caráter coletivo e relacional da costura e articulamos a partir daí nossa contribuição aliando a prática à teoria e propondo uma atmosfera de apoio, cuidado e troca de

afetos entre mulheres. Como continuidade dessa discussão no quinto ponto, “Costurando afetos e trocas” mostramos a perspectiva da costura e do fazer etnográfico que considera as interações e trocas entre mulheres, mesmo dentro de estruturas patriarcais. No sexto e último tópico, “Alinhavando possibilidades”, deixamos nossa contribuição para os estudos de gênero, ciência e tecnologia, a partir da analogia entre a costura e a etnografia afetada e das considerações resultantes da presente análise.

TRAÇANDO MOLDES

A história da costura acompanha a história das mulheres e alinhava suas marcas e trajetórias em diferentes espaços e tempos a partir de uma perspectiva de ser, fazer e viver feminizada, sob a qual se traduz simbolicamente um ideal de mulher. Partimos da premissa de que a realidade social se estrutura, entre outras coisas, sob as desigualdades de gênero, que alocam mulheres em lugares e posições inferiores, limitando seu acesso, oportunidades e valorização em esferas como a economia, o trabalho e as artes. A costura, bem como outros saberes e fazeres que fazem parte de uma realidade social demarcada por essa desigualdade, é por ela afetada.

Pelo fato de histórica e culturalmente compor o universo dos afazeres domésticos e do cotidiano, a costura se situa no mesmo campo do limpar, cozinhar, e do cuidar, ou seja, por se tratar de um trabalho manual e feminizado é desvalorizado frente aos trabalhos considerados intelectuais, historicamente desempenhados por homens. Este trabalho muitas vezes acaba por se mesclar aos afazeres domésticos praticamente inexistindo qualquer tipo de diferenciação entre o trabalho, trabalho remunerado, e trabalho do cuidado ou trabalho não pago.

Este processo sociocultural se encontra fortemente vinculado à divisão sexual do trabalho, que destina o trabalho de homens à esfera produtiva e o de mulheres à

esfera reprodutiva, ao mesmo tempo em que aloca o primeiro numa posição de maior valor social, representado, como dito anteriormente pelo trabalho intelectual (Chagas, 2007).

A divisão sexual do trabalho se pauta em princípios de separação (trabalho de homens e trabalho de mulheres) e de hierarquia (maior valorização social do trabalho do homem) (Freitas, 2007). Sendo nesse sentido o valor do trabalho reprodutivo diminuído à complementação da renda familiar mesmo que venha a desempenhar importância fundamental para a manutenção e a reprodução do bem-estar da família e da sociedade.

No final do Século XIX concepções fisiologizantes e essencialistas de gênero ajudaram a construir essas diferenças, apoiadas na ideia de uma capacidade inata ao homem para aquilo que é racional, que diz respeito aos negócios e a vida pública. Em contraposição à mulher restava uma natural tendência para o universo dos sentimentos, do cuidado, dos trabalhos manuais e do ambiente privado. É neste contexto que surgem os papéis de gênero, diferenças social e culturalmente construídas entre mulheres e homens nas funções, responsabilidades, acesso e controle sobre recursos e oportunidades de tomada de decisão.

Essas construções foram incorporadas às instâncias de poder e de controle social, sendo a educação forte aliada nesse processo, veja-se por projetos pedagógicos de ensino exclusivo para mulheres, onde a costura ganha destaque. Somada a isso, a educação das meninas sempre sofreu influências dos saberes e fazeres em que os aprendizados de trabalhos manuais, como a costura e o bordado, eram transmitidos de mães para filhas valorizando-se a tradição e a ancestralidade.

A costura enquanto um saber-fazer pode assumir diferentes formas, seja a exclusivamente doméstica, quando tomada como um complemento adicional ao

trabalho doméstico; a artesanal, quando existe uma freguesia particular a qual o trabalho se destina; e uma mais diretamente capitalista, que envolve relações típicas de assalariamento ou prestação de serviço para indústrias feito à domicílio (Rueda, Batista & Seixas, 2009).

Ainda que estas situações variem, a costura permanece sendo um ofício desempenhado majoritariamente por mulheres sob o véu dos afazeres domésticos, e ainda hoje reproduz papéis de gênero. A questão que pretendemos tratar aqui é como, ainda que dentro deste contexto, a costura pode atuar como um saber e uma prática que produz caminhos e pontos “positivos” de atuação e ressignificação da realidade de mulheres, como o estabelecimento de trocas, de afetos e experiências de vida de mulheres, permeados pelas linhas, tecidos e costuras.

CIÊNCIA E TECNOLOGIA ÀS AVESSAS

Achamos importante abrir o diálogo com as CTS, pois, este artigo se apropria da abordagem construtivista da Ciência e da Tecnologia, na medida em que esta abordagem fala sobre os conhecimentos científico e tecnológico como construções sociais. A costura, como acabamos de ver, é um tipo de saber-fazer fortemente influenciado pela visão patriarcal e androcêntrica do mundo. A abordagem construtivista vem questionar justamente essa visão cartesiana e dicotômica do mundo e do conhecimento, que conforme afirma Bruno Latour (2016), vê a realidade de forma linear, evolucionista e purista contrapondo a ciência moderna a um passado místico e arcaico. Arcaico aqui pode ser entendido como a afetação da ciência por questões que vão além do que entende-se como seu escopo, como a política, os sentimentos, as emoções e paixões, que a partir da visão positivista ela deve se desvincular e contrapor a fim de caminhar rumo a um futuro que nega um passado vergonhoso. A partir da visão de Latour (2016), a ciência, assim como a realidade social, é um

cosmograma muito mais controverso e complexo do que essa visão purista e dicotômica pode dar conta.

Uma ciência comprometida com o real deveria se importar com as controvérsias e complexidades sem recorrer às distinções racional/irracional, moderno/arcaico para decifrá-lo. Esta complexidade do conhecimento que supera a visão dicotômica nos permite pensar o saber-fazer da costura com a importância que ele merece, já que como veremos ao longo do artigo, o mesmo se dá na relação corpo-mente-materiais, e tem na prática sua principal forma de ensino e aprendizagem, o que aqui chamamos de saber-fazer.

No que tange às materialidades e às tecnologias envolvidas na costura, nos apropriamos do caráter interativo e relacional entre o humano e o não-humano. Para isso usamos a analogia que Latour faz dos laboratórios científicos como ateliês, onde a produção de conhecimento extrapola as capacidades racionais e mentais englobando as relações entre humanos e não-humanos, e até mesmo os interesses políticos e econômicos envolvidos. Aqui ocorre uma diluição do conhecimento do racional para o material, o relacional, o social e o político. Esta abordagem rompe com qualquer tipo de determinismo e neutralidade, seja de ordem técnica ou social, valorizando justamente as relações estabelecidas entre forças humanas e materiais (Latour, 2016).

Como construções sociais, a ciência e a tecnologia acessam os recursos culturais nos quais estão inseridas para os propósitos que lhes interessam, bem como a construção de artefatos o faz. Ao olharmos para a construção e a consolidação de um artefato a partir do grupo social onde se configura, entendemos o universo que ele se encontra, e lançamos luz aos conflitos de interesses ali envolvidos, sejam eles técnicos, morais, ou políticos. Isso nos permite compreender o caráter multidirecional e a flexibilidade interpretativa de um determinado artefato tecnológico. Segundo Trevor J. Pinch e Wiebe E. Bijker “a situação política e

sociocultural de um grupo forma suas normas e valores, os quais por sua vez influenciam no significado que se dá a um artefato” (Pinch & Bijker, 2013, s.p.).

Considerando a máquina de costura e aquilo que é produzido a partir dela, como um artefato tecnológico, percebemos a carga simbólica envolvida em sua produção e recepção na realidade social, já que é resultado de todas essas múltiplas interações entre o humano e o não-humano, o material e o simbólico, o racional e o irracional, que por si só são resultados de toda essa complexidade.

Como dito anteriormente, a tecnologia como construção humana cerceada por valores e visões de mundo de uma sociedade capitalista e patriarcal, reproduz desigualdades sociais privilegiando uns em detrimento de outros e perpetuando silêncios, opressões e injustiças (Kominek & Vanali, 2017). Por isso é tão importante que tiremos o véu das questões de gênero envoltas neste processo e caminhemos para superar ou romper com uma visão patriarcal que a ciência assim como a tecnologia ainda reproduzem, a da subordinação das trocas, dos afetos, das pessoas e dos locais que são feitas em detrimento de uma suposta neutralidade e objetividade que muito ajudam na reprodução de uma estrutura androcêntrica e patriarcal.

Acreditamos, assim como Maria Puig de la Bellacasa (2011), que nossa maneira de estudar as coisas, tem o poder de criar novos mundos, e se assim o é considerar o gênero ao analisar determinadas sociedades e artefatos traz importantes contribuições para a ciência e a realidade cotidiana. Nesse sentido, a perspectiva construtivista da CTS precisa ir além da identificação de políticas nos laboratórios versando também sobre o campo, os métodos, teorias e as formas como estes são postos.

Dentro da abordagem feminista da CTS o conceito de ‘cuidado’ é bastante mobilizado para falar do estado afetivo, vital, material, e ético-político das análises, metodologias e teorias. Pensar na ética do cuidado nos ajuda a

desenvolver um compromisso com a ideia de como as coisas poderiam ser, se abordadas com um olhar afetado com o 'outro', humano ou não-humano, superando a visão objetificada e criando possíveis caminhos para re-afetar o mundo objetivo (Puig de la Bellacasa, 2011).

Tomando as falas das costureiras retratadas no documentário como ponto de partida, percebemos que esta abordagem tem muito em comum com a costura enquanto um saber-fazer e um conhecimento, que como iremos ver, de dentro para fora refuta a visão racional, positivista e patriarcal que se dá justamente na relação das sujeitas entre si e com o os objetos materiais, criando uma atmosfera muito mais complexa que uma visão de mundo cartesiana é capaz de dar conta. As discussões que versam sobre a importância dos artefatos na construção do conhecimento e também de um olhar cuidadoso para essas construções, levando em conta o lugar da qual elas partem e por quem são feitas, podem ser chaves para rompermos com essas estruturas que perpetuam desigualdades, seja na academia ou na realidade cotidiana.

APRENDIZAGEM CORPORIFICADA

O fato do conhecimento da costura se dar na relação do humano com o não-humano ficou claro em algumas das falas das costureiras do documentário. Por esse motivo, consideramos importante fazer uma breve discussão sobre a aprendizagem que passa pelo corpo, já que a costura enquanto um saber-fazer revela este caráter.

As discussões sobre o conhecimento através da prática são foco de estudos sobre aprendizagem organizacional, e o conceito de práticas possibilitou uma visão mais crítica sobre as formas de conhecimento, que passam a ser vistas como produção social e coletiva, elaboradas coletivamente e em comunidade. Essas práticas são compartilhadas através da permanência e regularidade das ações e padrões que as organizam e permitem que sejam reproduzidas ao longo

do tempo. É imprescindível considerar as estruturas da comunidade onde a prática se cultiva e é compartilhada para entender como isso se sustenta (Cavedon & Figueiredo, 2015).

Para isso podemos analisar as restrições e possibilidades incorporadas nas condutas individuais pertencentes à comunidade em questão. Partindo desses pressupostos, é possível perceber que a transmissão do conhecimento prático se ancora, entre outras coisas, nas estruturas da comunidade e não numa escolha racional do indivíduo. Por esse motivo, a compreensão das formas de assimilação através da incorporação do conhecimento se dá pela identificação do contexto social e histórico onde as pessoas envolvidas se engajam. O conhecimento prático incorporado é formado desde essas estruturas até a atualização das mesmas no momento presente, onde muito do passado se reproduz. Assim, podemos dizer que a transmissão de um conhecimento prático é fruto de uma intencionalidade incorporada (Cavedon & Figueiredo, 2015).

A intencionalidade incorporada é a consciência da relação do corpo com as estruturas sociais que não consegue ser descrita pela visão limitada da divisão cartesiana entre mente e corpo, respectivamente *locus* da razão e *locus* da sensação. A ideia de intencionalidade incorporada surge da teoria de Bourdieu (2001) que lhe confere uma harmonia entre o que ele chama de *habitus* e um campo. *Habitus* para Bourdieu é a incorporação pelo indivíduo de um sistema de modos de ser e estar no mundo construídos e condicionados estruturalmente pela sociedade e que passam a ser naturalizados e manifestados em forma de conhecimento sem tomada de consciência, e de intencionalidade sem intenção (Cavedon & Figueiredo, 2015).

A transmissão de um saber-fazer artesanal ocorre a partir da relação entre mestre e aprendiz que se vincula à histórias individuais e coletivas de pessoas, ou seja, ao *habitus* do contexto em que foi formulado e que se encontra atrelado no momento. Dessa forma, mesmo que as práticas artesanais mudem e se

ressignifiquem na transmissão e ao longo do tempo, elas sempre estarão fundamentalmente ligadas ao corpus social e a tradição que sua comunidade de origem faz parte. A tradição faz parte de uma estrutura que se mantém através de um *habitus* (Cavedon & Figueiredo, 2015).

As discussões teóricas acerca da temática da prática apesar de divergirem em vários pontos, concordam que esta é uma categoria social e coletiva, e que o conhecimento é socialmente construído, dentro de uma comunidade de praticantes e de práticas com caráter situado e provisório. Por este motivo, o conhecimento prático não pode ser visto como produto de mentes isoladas e como um recurso cognitivo individual e sim como um conjunto gerado dentro e a partir de um contexto de relações. Isso não quer dizer que o conhecimento pertença a uma comunidade, mas que seja um saber dinâmico constituído pela prática e que está sempre se atualizando através dela por meio dos praticantes da comunidade.

Por seu caráter relacional e tácito, o conhecimento elaborado pela prática é necessariamente um conhecimento que existe e se faz pelo corpo, e por isso é mais sensível do que reflexivo. Através do *habitus* compreendemos como se dá a sedimentação das histórias individuais e coletivas no corpo e na interação delas com as experiências envolvidas no processo de aprendizagem. As pessoas conhecem e praticam aquilo que lhes é possível e permitido dentro de suas posições nas estruturas sociais. Seus corpos agem e se movimentam conforme estas estruturas e antecipam ações e condutas internalizadas pela prática e não necessariamente pela consciência (Cavedon & Figueiredo, 2015).

As diferenças das práticas se tornam diferenças simbólicas na medida em que as se institucionalizam e ganham legitimidade e reconhecimento público. A vinculação de conhecimento a comunidades específicas reproduz relações de poder e desigualdades e por esse motivo, ao analisar as práticas é imprescindível explicitar as condições econômicas e sociais da atualização dos *habitus*. As

dificuldades de aprendizagem de uma prática por um indivíduo se estendem as dificuldades de se tornar membro de uma comunidade que é perpassada por questões de gênero, raça e classe que dificultam ou facilitam o acesso às ferramentas de inserção e posicionamento na estrutura e conseqüentemente as formas de distribuição dos saberes (Cavedon & Figueiredo, 2015).

Como dito anteriormente, as práticas são incorporadas através de elementos pré-reflexivos da experiência e com isso o corpo passa a desempenhar um papel além de mero receptor do conhecimento que se encerra na mente, e passa a agir operando e transmitindo o conhecimento prático (Cavedon & Figueiredo, 2015).

A costura por estar histórica e socialmente inserida em um *habitus* muito específico, reproduz as características do contexto feminizado em que majoritariamente se insere, o ambiente doméstico e do cuidado. Mas, apesar de ser reflexo de uma realidade marcada pela desigualdade de gênero, a costura tem um caráter muito específico de conseguir, através dos corpos e materiais, auxiliar na construção de sociabilidades, trocas e afetos, entre mulheres e romper e ressignificar as estruturas de dentro para fora.

RETALHOS COMPARTILHADOS DE SI

Ainda que determinado *habitus* incida fortemente sobre os indivíduos e seus modos de ser, pensar e agir no mundo, ele não determina suas vidas e não exclui a possibilidade de ser superado. As configurações cotidianas, os saberes e fazeres, e a cultura material são peças-chave na formatação de atividades e relações de solidariedade, troca, e apropriação de recursos para resolução de problemas individuais e coletivos. Essa visão parte de uma abordagem cultural, que segundo Pimenta (2014) coloca os saberes e fazeres, modos de vida, memórias e identidades enquanto balizadores e produtores de sentido e de significados para determinados grupos.

Aqui trazemos trechos das falas das costureiras presentes no documentário que nos ajudam a visualizar como se dão na prática as questões as quais este artigo pretende versar: as trocas, sociabilidades e afetos gerados das relações entre humanos e não-humanos possibilitados pelo saber-fazer da costura e como tais atuam no cotidiano de maneira análoga a forma que a etnografia dos contatos atua na produção do conhecimento científico.

Dona Sílvia e Dona Eleonora² costuram colchas de retalhos (Figura 1), artefato que representa um pouco da cultura material da região analisada, o sul do estado de Minas Gerais. A confecção da colcha é uma forma encontrada pelas costureiras de reutilizar sobras e retalhos de tecido de costuras de roupas, criando um produto novo a partir da união de todos esses retalhos. Na medida que os retalhos se reúnem, reúnem-se também as mulheres. Dona Sílvia e Dona Eleonora contam que os retalhos que utilizam para a confecção das colchas são doados por suas conhecidas costureiras. E podemos ver aqui os materiais servindo como balizadores dessa troca.

Dona Sílvia diz:

Hoje eu consigo nas costureiras né? Hoje é os retalhos de fábrica. Mas a única costureira que me dá os retalhos, uma é essa Maria Rocha, que 'de certo' é conhecida de vocês, não sei. E a Regina também, mora perto da minha casa, sabe? Só que eu já fiz as colchas, eu pego assim: ela dá os retalhos, dá tudo que precisa, e eu faço. Fico com uma colcha ela fica com outra. É a "meia" que se fala né? (Sílvia, 2018).

Dona Eleonora, de forma parecida afirma:

² Optamos por não utilizar os nomes reais das entrevistadas para preservar suas identidades.

Esses retalhos, que eu fiz assim, que essas costureiras que eu estou falando para você. Tinha umas três costureiras aqui em São Bento que elas me davam o retalho para mim. Então com os meus, dava para mim fazer (Eleonora, 2018)

Pudemos perceber em suas falas, a cooperação e a troca material possibilitadas pela costura da colcha de retalhos e como a própria confecção da colcha só é possível por meio dessas trocas e colaborações. Aqui começamos a compreender de que forma a costura atua na formação de elos de sociabilidades femininas, mesmo que num primeiro momento pareçam se dar a nível apenas utilitário. Conforme veremos nas próximas falas, parece haver um valor simbólico, de conexão e de apoio entre essas mulheres, no que diz respeito à execução do ofício, ou mesmo de seu ensino e/ou aprendizagem.

Figura 1

Colcha de retalhos feita por Dona Silvia



Fonte: Sabrina Morais (2018)

Rosa e Catarina³, as outras duas costureiras entrevistadas no documentário, compartilhavam da experiência de serem professoras de costura em cursos profissionalizantes para mulheres de baixa renda (Figura 2). Aqui conseguimos perceber a troca feminina e união envolvida na transmissão deste saber-fazer.

Rosa nos contava a respeito de suas alunas e de seu método de ensino:

Então eu ensino para elas o básico da costura, né? Primeiro mexer na máquina, trocar bobina. Aí na outra semana já ficam “tudo acesas”, todo mundo quer comprar máquina. Aí eu falo pra elas, “vocês vão ver o final do curso um monte de coisa, dá pra quase montar um bazar” (Rosa, 2018).

Já sobre as experiências de Catarina, ela dizia:

Atualmente estou encerrando com uma turma de iniciação a costura, né, de qualificação profissional. É uma turma composta a maioria por mulheres, mulheres negras, e isso acontece por conta da modelagem, da costura, né? Que é o tipo de saber e fazer que eu consigo fazer a troca com elas né? Porque de repente dá a elas uma ferramenta, né, de produção e de geração de renda (Catarina, 2018).

³ Os nomes reais também foram modificados.

Figura 2

Sala de aulas de costura industrial onde Rosa leciona.



Fonte: Thabata Ferraz (2018).

Entre as trocas que identificamos em suas falas, além das supracitadas, pudemos constatar também aquela relacionada com linhagens familiares e femininas antepassadas, por parte de três das quatro entrevistadas.

Dona Silvia comentava que sua mãe fazia roupa para toda a família, até mesmo as roupas íntimas, já que na época não haviam lojas para comprar tais artigos. Além disso, contou que a máquina de costura que utiliza até hoje, uma Singer de pedal, ganhou de sua sogra, e atenta para o fato de a mesma ser idêntica à que sua mãe possuía (Figura 3).

Dizia ela sobre suas memórias a respeito da mãe:

Mamãe fazia um vestidinho para nós de Chita, porque não tinha outro pano. Aí mamãe fazia o vestido assim, a

“blusinha” com riscado de comprido, e a sainha ela fazia também listadinho de atravessado (Silvia, 2018).

E sobre a máquina de costura da sogra que é seu equipamento de trabalho,

Essa máquina, quando a minha sogra comprou ela, se fosse hoje era cinquenta centavos que ela pagou na máquina. Se ela pagou quinhentos réis, quinhentos mil réis, quinhentos. Se fosse hoje era cinquenta centavos. A da mamãe também foi o mesmo preço e compraram na mesma ocasião (Silvia, 2018)

Figura 3

Máquina de Costura de Dona Silvia



Fonte: Sabrina Morais (2018).

Como consta no documentário, foi a avó costureira de Catarina quem a ensinou a costurar e despertou seu interesse pela modelagem, área do curso de design de moda em que se especializou. Já no caso de Rosa sua mãe aprendeu, assim como ela, a costurar pela necessidade. Segundo suas próprias palavras,

Por isso que eles falam que as mulheres antigamente aprendiam sozinhas, porque né, não tinha quem ensinasse. Pela necessidade, o pano estava lá, tinha que... não ia deixar seu filho lá pelado sem roupa, ia fazer. Igual à minha mãe, minha mãe foi assim, aprendeu sozinha. E não tinha tanta opção para comprar na época, não tinha né? Até calcinha as mães tinham que fazer para as meninas (Rosa, 2018).

Nesse trecho de sua fala fica evidente a naturalização dos papéis de gênero que delegam à mulher funções de cuidadora do lar e da família, e a maneira como a costura acaba sendo uma extensão dessas funções.

Quanto às interações humano e não-humano e o conhecimento corporificado da costura, trago uma das falas e atitudes de Dona Silvia. Enquanto preparava sua máquina *Singer* herdada de sua sogra (que não funciona a base de energia elétrica e sim com os movimentos das mãos e dos pés), contava como ela operava e a sua forma específica de manuseá-la. Em um momento foi preciso trocar a bobina da máquina, o lugar onde a linha fica enrolada, e Dona Silvia disse para a esposa de seu sobrinho que tentava aprender:

É, com essa mão de cá. Deixa eu mostrar para você o jeito que eu faço. Aí agora você segura aqui só na ponta e põe a bobina ali. Agora só tocar para frente. Você tem que com uma mão segurar a linha. Agora uma mão você segura aqui a ponta e a outra ali a linha. Só não pode apertar né?! Só

controlar aqui a linha... Então é isso, é uma mão aqui no prego né, pra controlar lá na roda, e a outra você põe o dedo assim pra firmar um pouquinho a linha pra não ir de uma vez (Silvia, 2018).

Fica nítido em suas falas e atitudes corporais como o aprendizado da costura enquanto um saber-fazer perpassa o corpo e as trocas humanas e não-humanas, indo muito além de técnicas e fórmulas racionais. Além disso, este episódio permitiu perceber que essa relação que estabelece com os materiais – máquina, linha, bobina – e como os mesmos são ressignificados e apropriados por ela à sua realidade. Nesse caso, a ação proporciona liberdade de agência para os atores, humanos e não-humanos.

Nestes relatos, as experiências profissionais se misturam às experiências pessoais, sentimentos e emoções que envolvem o ambiente doméstico e familiar. Neste contexto podemos traçar um diálogo da costura com o conceito de cuidado que se localiza entre o trabalho assalariado e o reprodutivo, entre o público e o privado, a família e o Estado, o formal e o informal, o pessoal e o social, sempre envolvendo uma dinâmica de afetos, necessidades e desempenho de papéis sociais.

Mesmo dentro destes contextos, seja através da troca de materiais para a feitura da colcha de retalhos, seja pela troca de conhecimento através do ensino da costura, ou pelo compartilhamento de um saber-fazer feminizado através da ancestralidade feminina, a costura exerce a capacidade de unir e estabelecer trocas entre mulheres.

Ao tecerem a “colcha” de suas vidas, elas colocam as “parcerias” conquistadas e desfeitas nessa trajetória. Deixá-las “falar” através de seus bordados, é “escutar” o que, na maioria das vezes, ninguém quer

ouvir, talvez só as vizinhas, pois são “bobagens de mulher” (Chagas, 2007, p. 2).

Ao admitirmos que a mulher costureira está desempenhando papéis de gênero definidos por uma visão de mundo patriarcal que designa à mulher o cuidado do lar e da família, a costura como um meio de aproximar e conectar mulheres nesse contexto pode representar uma saída para essas estruturas. Além disso, valorizamos e legitimamos uma tecnologia que serve tanto para a ressignificação simbólica da existência e da realidade em que se insere, quanto para geração de renda, a partir da venda e do compartilhamento entre costureiras, sabendo a sua importância na autonomia financeira na vida das mulheres.

COSTURANDO AFETOS E TROCAS

Com base nas falas das costureiras podemos perceber como a costura atua criando sociabilidades, trocas e união entre mulheres. Sabendo que na visão hegemônica e patriarcal a costura é vista como uma ocupação e/ou um saber-fazer de pouco valor e importância, ao darmos destaque a esses aspectos ressignificamos essa lógica. A costura compõe e é composta pela e na cultura do lar e do cotidiano a partir de um viés feminizado formado pelas mãos de mulheres, por suas manifestações criativas e expressivas não apenas por meio do tecido físico, mas também do tecido simbólico, o qual permeia o trabalho que sustenta (trabalho aqui visto como manifestação da existência humana e de suas necessidades). Nesse sentido, o costurar permite refletir na materialidade o cotidiano e aspectos libertadores do trabalho manual, seja a possibilidade de criar ou agir sobre si mesma e sobre a realidade de que faz parte (Queiroz, 2011).

Ainda que em certa medida permaneça sendo um ofício que ajude a perpetuar papéis de gênero, o exercício da ‘feminilidade’ presente nestes contextos é subversivo, ao criar este espaço de solidariedade e acolhimento, criando uma atmosfera terapêutica de cuidado, de compartilhamento de experiências e de

apoio. A costura permite a geração de afetos, laços e conexão de ideias valores que desafiam o modelo patriarcal individualista a partir do coletivo. Conforme costuram afetam-se os corpos, os materiais, as estruturas.

ALINHAVANDO POSSIBILIDADES

Traçamos um paralelo entre as trocas e sociabilidades, as relações humanas e não-humanas, e o conhecimento atrelado ao corpo, aos materiais e as práticas, ou seja o saber-fazer, produzidos pela costura e a abordagem epistemológica e metodológica que tem sua raiz na antropologia e etnografia feminista e na análise sociotécnica. Fizemos isso porque tanto a costura quando essas abordagens trazem desafios aos princípios, teorias e métodos da etnografia e da produção científica tradicional por confrontar ideias como a suposta “objetividade” do conhecimento buscando lançar luz às relações de poder existentes rechaçando a ideia de neutralidade, e uma visão de mundo que delega à mulher e seus papéis um lugar marginalizado dentro da sociedade.

Valorizando abordagens que segundo Bruna Vasconcellos, Rafael Dias e Laís Fraga (2017) pretendem demonstrar como se dá a imposição da lógica produtivista própria do capitalismo patriarcal e ocidental à tecnologia social desvendamos a racionalidade produtiva em contraposição à reprodutiva resultante de uma construção sócio-histórica que naturaliza o cuidado e tudo que envolve a reprodução da vida humana como próprio da feminilidade. Olhar para esses aspectos constitui peça-chave para compreender os contornos androcêntricos e agir na construção de alternativas sociotécnicas e científicas para tais.

Não devemos retirar do discurso da Tecnologia Social, a relação que a mesma estabelece com fatores sociais e políticos que a cerca, e que de alguma forma incidem sob seus usos e impactos. O processo tecnológico é sempre um processo político, mantendo, promovendo e legitimando interesses e ideologias

específicos. Por este motivo, valorizar tecnologias desenvolvidas por mulheres, a partir de uma visão que ressignifica seus lugares dentro da estrutura social de produção e reprodução da vida, ajuda a fortalecer alternativas sociotécnicas que reivindicam seu lugar e a dimensão do cuidado através de ações cotidianas (Vasconcellos, Dias & Fraga; 2017).

O desenvolvimento da disciplina antropológica a partir dos anos 70 também passa por reformulações, no momento em que reconhece o viés colonizador que desempenhou desde a sua consolidação, não podendo ser separado dos projetos políticos dominadores eurocentrados. A ideia da antropologia feminista dos anos 70 era a de refutar o ideal de ciência livre de valores e reconhecer que o conhecimento produzido por ela sobre “outras” culturas, partia de uma visão de mundo muito particular e situada. Na maioria das vezes uma visão androcêntrica e viril que objetificava a presença feminina nas pesquisas e contribuía para reproduzir desigualdades de gênero. É nesse contexto que surgem os primeiros estudos antropológicos a partir de um olhar feminista (Gil, 2006). A crítica feminista surge da necessidade de reescrever etnografias a partir de um outro lugar, que revele seus parâmetros fundantes e produza um conhecimento capaz de ultrapassar as visões sexistas e universalistas.

A noção de gênero se faz importante nesse sentido, pois permite desnaturalizar papéis sociais e construir categorias analíticas, tanto na prática etnográfica quanto nas produções teóricas, que questionem a neutralidade do conhecimento que na realidade é afetado por relações de dominação e poder muito particulares. Essa abordagem parte do pressuposto de que lugares diferentes dão origens a conhecimentos diferentes, o que ocorre com isso é uma relativização e historicização da produção científica (Gil, 2006).

Essa produção situada de conhecimento nos permite falar daquilo que Donna Haraway (1995) chama de “objetividades encarnadas”, que diz respeito ao reconhecimento das subjetividades implicadas no processo etnográfico. Para a

etnografia feminista, o emocional e o pessoal não se separam do conceitual, e nesse sentido além de considerar o pessoal como político, também o consideram como teórico, confrontando a visão do etnógrafo como um ser neutro e apartado do que estuda (Gil, 2006).

A experiência etnográfica engloba mente, razão, corpo e emoção ao mesmo tempo em que reconhece as relações de poder implicadas nesse processo. Reconhecemos que somos partes do que estudamos e que tomamos uma postura perante isto, trata-se de “habitar” a nossa etnografia para entendê-la desde a experiência corporal, mental e emocional com os “outros” (Gil, 2014).

Aqui entra o que desde os anos 80 vem sendo chamada de *etnografia sensorial*, que reconhece a relevância de outros sentidos além da visão (observação) como formas de conhecer e experienciar as realidades de pesquisa. Tania Pérez-Bustos e Alexandra Piraquive (2016) propõem em seus estudos sobre o bordado, o que elas chamam de *etnografía de los contatos*. Sua teoria se pauta em três tipos de contatos: o que passa *no* e *pelo* corpo de quem faz etnografia, o que se dá em torno do bordado e dos objetos materiais envolvidos e o que as tecnologias de registro e seus efeitos produzem sobre a experiência etnográfica. As autoras demonstram como compartilhar das materialidades do cotidiano, especificamente no caso do bordado (prática desenvolvida na esfera doméstica), ajuda a compreender uma realidade feminizada e cotidiana a partir de sua própria configuração.

O aspecto central da etnografia dos contatos é um conhecimento que se produz com e a partir das relações dos corpos, do mundo e das coisas que o habitam, criando uma relação de interdependência entre humano e não-humano. Para tais autoras, ainda que se possa ver sem ser visto, não se pode tocar sem ser tocado.

Enfrentarmos etnograficamente um trabalho incorporado e “irracional” exige aprender a fazer o trabalho com nossas próprias mãos e apreender, em relação

com nossos corpos, a complexidade do conhecimento e a construção que o trabalho constitui (Latour 1998; 2008). É assim que a prática etnográfica se torna uma prática igualmente incorporada: o que aprendemos do bordado nos permitiu o ato de tocar distintos corpos presentes na cotidianidade do espaço das bordadeiras. A etnografia, não apenas em seu entendimento de método e prática, mas também no registro e no registro da experiência, deveria de estar configurada em igual medida por esta dupla natureza incorporada: a do bordado e a da prática etnográfica⁴ (Clifford 1986; Pink 2009; Paterson 2009) (Pérez-Bustos, Tobar-Roa, Márquez-Gutiérrez, 2016, p. 59).

É nesse sentido que Pérez-Bustos e Piraquive (2018) propõem a iniciativa que chamaram de *Semillero Costurero*, em que experienciaram na prática o fazer etnográfico e o bordar em coletivo. Tal proposta visou a criação de um grupo de costura que produzisse análises etnográficas a partir do encontro com outras pesquisadoras e dos materiais de bordado. Bordar um tecido coletivo suporia uma aproximação corporal e simbólica onde pudessem falar sobre suas experiências de campo e compartilhar discussões teóricas comuns.

Um dos pressupostos dos quais as autoras partem é o de que os métodos de investigação não apenas produzem informação sobre aquilo que estudam, mas também ajudam a criar as realidades de pesquisa. Dialogam com as teorias feministas supracitadas ao defender que a etnografia sempre é afetada pelo que estuda. A partir de suas aproximações com a temática do bordado e as materialidades envolvidas em seus respectivos trabalhos etnográficos, a ideia foi reproduzir um ambiente para o bordar em coletivo no qual as pesquisadoras pudessem trocar, se cuidar e explorar novas possibilidades a partir do contato humano e não-humano.

⁴ Enfrentarnos etnográficamente a una labor incorporada e “irracional” exige aprender a hacer la labor con nuestras propias manos y aprehender, en relación con nuestros cuerpos, la complejidad del conocimiento y el ensamblado que la labor constituye (Latour 1998; 2008). Es así que la práctica etnográfica deviene una labor igualmente incorporada: lo que aprendimos del bordado nos lo permitió el acto de tocar distintos cuerpos presentes en la cotidianidad del espacio de las bordadoras. La etnografía, no ya en su acepción de método y práctica sino en la de inscripción y registro de la experiencia, habría de estar configurada en igual medida por esta doble naturaleza incorporada: la del bordado y la de la práctica etnográfica (Clifford 1986; Pink 2009; Paterson 2009) (Pérez-Bustos, Tobar-Roa & Márquez-Gutiérrez, 2016, p. 59).

Além disso, convergem com abordagens etnográficas feministas por reconhecerem que o entendimento do bordado, passa pelo bordar, ou seja, o bordado necessita ser compreendido através do corpo que é feminizado neste processo. Costurar, remendar, descosturar e bordar são metáforas materiais de transformação da realidade, na medida em que o bordar em coletivo permite às mulheres envolvidas (tanto pesquisadoras quanto interlocutoras) se conectar, cuidar, cicatrizar feridas, e pensar estratégias para um futuro que reconheça seus valores.

O bordado, bem como a costura, tem servido como meio para unir mulheres em um espaço de solidariedade, troca e cuidado, tanto para as bordadeiras, costureiras, quanto para as pesquisadoras destes ofícios/práticas/saberes. O fortalecimento feminino coletivo resultante dessas práticas se dá desde a lembrança e o aprendizado advindo de genealogias femininas antepassadas, até a identificação ou negação dos papéis que as mesmas desempenhavam e que o bordado (ou a costura) estavam presentes. Segundo as autoras,

Reconhecer a genealogia feminina e seus enredos, igualmente, passa pelos materiais têxteis com os que se trabalha, os quais ocupam um lugar primordial nesta evocação geracional feminina a que nos referimos (Pérez-Bustos & Piraquive, 2018, p. 10).

Isso nos leva novamente às máquinas de costura de Dona Silvia herdadas de sua mãe e sogra e as lembranças evocadas por Rosa e Catarina sobre as histórias de suas mães e avós e como a costura as conecta. Em relação a alternativas sociotécnicas pudemos ver como consequências de ambientes feminizados fomentam uma significativa mobilização social das mulheres ainda que em ações cotidianas, reivindicando um lugar de destaque à lógica do cuidado, conforme nos mostra Vasconcellos, Dias e Fraga (2017).

Conforme buscamos demonstrar, a costura auxilia na não reprodução da lógica androcêntrica e patriarcal que desvaloriza os saberes e fazeres feminizados frente aos intelectuais desempenhados por homens. A costura cria espaços (simbólicos e/ou físicos) que fomentam formas de ser mulher minimizando a hierarquização e a desvalorização de sua existência e práticas, na medida que cria pontos de trocas e de reflexões sobre si e sobre as outras.

Além disso, por ser um conhecimento adquirido pelo saber-fazer, perpassa outras esferas de aprendizagem que não a racional, reivindicando ao corpo e aos sentidos a capacidade de atuarem de maneira tão legítima quanto. E se voltarmos ao paralelo sociocultural estabelecido entre razão-masculino, corpo-feminino, valorizar esse tipo de conhecimento é também uma forma de valorizar um modo de ser e ver o mundo que foge de uma visão hegemônica.

No que tange à etnografia, quando mediada pelas materialidades permite repensar a própria maneira de se fazer ciência, ao sintonizar subjetividades, sensibilidades e afetações humanas e não-humanas, em um processo de pensar a investigação com cuidado, reconhecendo as interferências e relações envolvidas e criando um processo etnográfico mais reflexivo, afetado e coletivo. Isso permite pensar saídas para a ideia androcêntrica e individualista de ciência pensada por e para homens que se propunha objetiva, neutra sem reconhecer de que lugares e com quem falam.

Nesse exercício de perfurar a etnografia, o bordar coletivo legitima o falar desde nós mesmas, no plural, desde nossas emoções, e com isso nos autoriza para a volta, unir e construir, como bordando, outra etnografia possível (Pérez-Bustos & Piraquive, 2018, p. 20).

Ao retomarmos a hipótese inicial, percebemos que por mais que o caminho para a valorização de saberes-fazeres feminizados que há séculos são

subalternizados, bem como o reconhecimento científico de teorias feministas que empenham esforços em repensar e lançar luz às estruturas que as sustentam seja árduo, pode ser iniciado através da valorização dos saberes e fazeres, do cuidado, e das sociabilidades por eles proporcionadas. O conhecimento adquirido pelo saber-fazer e pela prática reivindica ao corpo e aos sentidos a capacidade de atuar de maneira tão legítima quanto a aprendizagem racional. Seja na prática da costura, ou na de fazer etnografia afetada, valorizar o conhecimento que cria essa atmosfera de apoio entre mulheres, é uma forma de fortalecer modos de ser e estar no mundo que fogem da visão hegemônica. Na medida em que olhamos a costura e a etnografia a partir desta perspectiva, elaboramos táticas científicas e cotidianas empenhadas em combater e superar desigualdades de gênero.

REFERÊNCIAS

Barbosa, Karina (2017). O tempo da costura: afetos, subversão e intimidade em Call the midwife. *Significação*, 44(47), 219-238.

Cavedon, Neusa & Figueiredo, Marina (2015). Transmissão do conhecimento prático como intencionalidade incorporada: etnografia numa doceria artesanal. *Revista de Administração Contemporânea*, 19(3), 336-354.

Chagas, Claudia (2007). Bordado como expressão de vida: gênero, sexualidade. *Anais da Reunião Anual da Anped*, Caxambu, MG, Brasil, 30^a.

Freitas, Taís (2007). O cenário atual da divisão sexual do trabalho. In Maria L. Silveira & Taís V, Freitas (Orgs.). *Trabalho, corpo e vida das mulheres: crítica à sociedade de mercado*. São Paulo: SOF.

Gil, Carmen (2014). Traspasando las fronteras dentro-fuera: reflexiones desde una etnografía feminista. *AIBR. Revista de Antropología Iberoamericana*, 9(3), 297-322.

Gil, Carmen (2006). Contribuciones feministas a problemas epistemológicos de la disciplina antropológica: representación y relaciones de poder. *AIBR. Revista de Antropología Iberoamericana*, 1(1) 22-39.

Haraway, Donna (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 7-41.

Kominek, Maila & Vanali, Cristina (2017). Tecnologia e gênero: repensando relações. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, 10(36), 45-57.

Latour, Bruno (2016). *Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas*. São Paulo: Editora 34.

Maciel, Maria (1986). Resenha do texto O avesso da moda: trabalho a domicílio na indústria de confecção. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, 3(2), 343-350.

Pérez-Bustos, Tania & Piraquive, Alexandra (2019). Bordando uma etnografia: sobre como el bordar colectivo afecta la intimidad etnográfica. *Debate Feminista*, 28(56), 1-25.

Pérez-Bustos, Tania, Tobar-Roa, Victoria, & Márquez-Gutiérrez, Sara (2016). Etnografías de los contatos: Reflexiones feministas sobre el bordado como conocimiento. *Antipoda: Revista de Antropología y Arqueología*, 26, 47-66.

Pimenta, Carlos A. M. (2014). Tendências do desenvolvimento: elementos para reflexão das dimensões sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, 10(3), 44-66.

Pinch, Trevor & Bijker, Wiebe (2013). La construcción social de hechos y de artefactos: o acerca de cómo la sociología de La ciência y La sociología de La tecnología pueden beneficiarse mutuamente. In Hernán Thomas & Alfonso, Buch (Orgs.). *Actos, actores y artefactos: sociología de la tecnología* (pp. 19-62). Bernal: Universidad Nacional de Quilmes.

Puig de la Bellacasa, Maria (2011). Matters of care in technoscience: assembling neglected things. *Social Studies of Science*, 41(1), 85-106.

Queiroz, Karine (2011). O tecido encantado: o cotidiano, o trabalho e a materialidade do bordado. *O Cabo dos Trabalhos: Revista Eletrônica do Programas de Doutorado do CES/FEUC/FLUC*, III(5), 1-26.

Rueda, Bianca M., Batista, Fabíola T., & Seixas, Mariana M. (2009) O papel da costureira doméstica ao longo dos séculos. *Anais do Encontro Paraense de Moda, Design e Negócios*, Maringá, PR, Brasil, 1º.

Simmel, Georg (2006). A sociabilidade (exemplo de sociologia pura ou formal). In Georg Simmel. *Questões fundamentais da sociologia* (pp. 60-82). Rio de Janeiro: Zahar.

Singulano, Maria (2014). Sustentabilidade e projetos de inclusão produtiva. *Achiote.com – Revista Eletrônica de Moda*, 2(1), s.p.;

Vasconcellos, Bruna, Dias, Rafael & Fraga, Laís (2017). Tecendo conexões entre feminismo e alternativas sociotécnicas. *Scientle Studia*, 15(1), 97-119.

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E GÊNERO: RESISTÊNCIAS, AFETOS E COSTURAS

Resumo

O ato de costurar bem como o de fazer uma etnografia 'afetada' conservam em si características análogas. A etnografia afetada que aqui nos referimos é um fazer compartilhado dado e configurado na própria relação entre pesquisadora, sujeitas e as realidades de pesquisa. A partir da análise teórica dos discursos e práticas de quatro costureiras, buscamos identificar aspectos da construção coletiva do ser mulher, interpelada pela lida com as linhas, agulhas e tecidos, bem como a possível relação desta com um fazer científico afetado. A pretensa analogia aqui expressa, se refere a costura e a etnografia afetada serem resistências na medida que ressignificam o cotidiano e as relações acadêmicas mesmo dentro de espaços e lógicas androcêntricas, estabelecendo fissuras com visões que privilegiam a individualidade e a "neutralidade" a partir das trocas estabelecidas entre mulheres, permitindo repensar o lugar das mesmas, seja no cotidiano ou na academia.

Palavras-chave

CTS. Gênero. Costura. Saberes-fazer.

CIENCIAS, TECNOLOGÍA Y GÉNERO: RESISTENCIAS, AFECTOS Y COSTURAS

Resumen

Tanto el acto de coser como el de hacer una etnografía "afectada" conservan en sí mismas características análogas. La etnografía afectada a la que nos referimos aquí es un hacer compartido dado y configurado en la propia relación entre el investigador, los sujetos y las realidades de la investigación. A partir del análisis teórico de los discursos y prácticas de cuatro costureras, buscamos identificar aspectos de la construcción colectiva del ser mujer, interpelados por el trabajo con hilos, agujas y telas, así como la posible relación de éste con un trabajo científico afectado. La supuesta analogía aquí expresada se refiere a que la costura y la etnografía afectada son resistencias en la medida en que resignifican la vida cotidiana y las relaciones académicas aún dentro de espacios y lógicas androcéntricas, estableciendo fisuras con visiones que privilegian la individualidad y la "neutralidad" a partir de los intercambios que se establecen entre las mujeres, permitiendo repensar su lugar, ya sea en la vida cotidiana o en la academia.

Palabras clave

CTS. Género. Costura. Conocer-Haceres.

SCIENCE, TECHNOLOGY AND GENDER: RESISTENCES, AFFECTIONS AND NEEDWORK

Abstract

The act of sewing as well as that of doing an 'affected' ethnography preserve in themselves analogous characteristics. The affected ethnography that we refer to here is a shared doing given and configured in the very relationship between researcher, subjects, and the research realities. Based on the theoretical analysis of the speeches and practices of four seamstresses, we seek to identify aspects of the collective construction of being a woman, interpellated by the work with threads, needles and fabrics, as well as the possible relation of this with an affected scientific work. The alleged analogy expressed here refers to sewing and affected ethnography being resistances to the extent that they re-signify daily life and academic relations even within androcentric spaces and logics, establishing fissures with visions that favor individuality and "neutrality" from the exchanges established among women, allowing rethinking their place, whether in everyday life or in the academy.

Keywords

STS. Gender. Needwork. Know-how.

CONTRIBUIÇÃO

Thabata Caroline Alves

A autora declara ser a única responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

CONFLITOS DE INTERESSE

A autora declara não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A autora declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para a elaboração desta contribuição.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelos recursos que viabilizaram a realização do estudo a partir do qual os dados da contribuição foram obtidos.

COMO CITAR

Alves, Thabata C. (2022). Ciência, tecnologia e gênero: resistências, afetos e costuras. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 9(24), 320-352.